

## Um seculo de vida de estudante em Pernambuco

A historia da nossa Academia de Direito — ainda toda por fazer — vae ser escripta afinal pelo meu eminente collega, o professor Clovis Bevilacqua. Será o seu monumento para celebrar o centenario em 1827.

Para a Academia, os cem annos não são ainda uma vida longa; entretanto, ella viu passar algumas gerações durante esse seculo; viu já o desdobrar de varios acontecimentos, e pode contar coisas muito interessantes. Assim, nós iremos possuir uma narrativa historica da nossa Faculdade de Direito. Vão nos ser conhecidos, n'um harmonioso conjuncto, os factos e episodios de que se teceu a trama de sua existencia, n'esse periodo.

Emquanto isso, poderei fixar aqui certos aspectos — ligeiros traços sobre a physionomia e o espirito da Academia em confronto com alguns institutos europeus da mesma natureza — sem querer fazer, propriamente, um

trabalho de historia. Não tenho uma tal pretensão. Falta-me o pendor para semelhante ordem de estudos; e aqui, além do mais, até os elementos indispensáveis ser-me-iam escassos. O que faz a historia, são, como é sabido, as memorias, também as indiscrições, a intriga: não sei onde iria encontrar os materiaes para essa obra.

Das memorias historicas que foram apresentadas durante um certo numero de annos pelos professores, e que seriam, de conformidade com o pensamento da lei, as chronicas do Instituto, pouco, muito pouco se chegaria a colher para uma obra em que a vida d'este, ou antes, a sua alma collectiva podesse vir a ser fielmente restituída. D'essas memorias, a mais curiosa, e uma das duas ou tres que não se limitaram a simples reproduções de notas obtidas na secretaria, é sem duvida a de Phaelante da Camara. Este professor deu ao seu trabalho um desenvolvimento maior; orientou-o em forma a não ser um mero resumo dos factos da vida escolar mas também um pequeno capitulo da sua psychologia; temperou-o com um pouco do sal da tradição anecdotica; imprimiu-lhe enfim, ainda que com o seu estylo apparatuso e desmendidado, a feição que elle deveria ter — de synthese historica da vida intellectual do Instituto. O autor d'essa memoria não quiz, ainda assim, excluí-la — elle proprio — do numero das que, conforme a sua expressão, “parecem criadas no regimen dos jejuns”. E, realmente, como as outras, também a d'elle se nos apresenta com a sua

magreza de subsidios, o que é peculiar a todas ellas.

Mesmo, porem, deficientes e não podendo servir de chronicas para a formação da historia da Faculdade, essas memorias ainda assim são a melhor — talvez a unica fonte historica — que se tem a partir de 1854, data em que foram ellas criadas. De todo o periodo anterior, quer dizer, desde 1827, em que elle começa com a fundação do Curso Juridico em Olinda, até aquelle anno de 1854, nem mesmo essas memorias magras nós possuímos. Sobre essa epoca, nada, ou quase nada existe, que nos possa dar esclarecimentos. Nem livros; nem jornaes; nem manuscritos.

E' de suppor, no entanto, esse periodo tenha sido um dos mais expressivos do caracter de nossa Academia. O espirito de corporação, que lhe não é, como se tem dito, proprio só d'essa primeira phase — e nós veremos isso mais adiante — nos dá, todavia, a razão d'essa vida universitaria em miniatura do periodo olindense. Por alguns motivos devia surgir e medrar tambem em Olinda esse espirito de corporação, que se traduz na idéa de se associarem mestres e estudantes, de viverem e trabalharem conjunctamente, e o qual tem as suas origens nas universidades da idade media, de que as do nosso tempo não são senão filhas — “filhas legitimas” — como já foram chamadas. A continuidade historica e a sobrevivencia das tradições já seriam assim um d'esses motivos — o principal motivo. As tradições são os ultimos elos de ligação entre as universidades de hoje e as universidades me-

dievaes d'onde ellas são directamente oriundas. Ahi mesmo, onde nada teria existido do meio social que explica a origem e os diversos modos de existencia das universidades da idade media, certos usos, certas formalidades se veem adoptar e manter. Outrora, por exemplo, os novos doutores eram investidos com o anel, a borla e o chamado beijo de paz: fragmentos d'esse velho ritual persistiram nas universidades da Europa. Em Coimbra, os medicos e es doutores em direito não deixaram de receber o *osculum pacis*. Em Olinda, e tambem actualmente no Recife, os bachareis são collados com quase o mesmo ceremonial: o anel e o barrete ainda permanecem. Em Olinda, como em Coimbra d'onde elles vieram e aonde, por sua vez, teriam chegado pela tradição dos centros universitarios da idade media, reviveram os mesmos costumes, a mesma vida escolastica, os appellidos academicos, as vaias e as passeiadas dos estudantes: Olinda, diz o Barão de Penedo, semelhava a antiga Coimbra, d'onde tudo haviam trazido para o nosso curso juridico os academicos brasileiros vindos da universidade para alli terminarem os seus estudos. Tudo, observa elle, "menos a batina e o gorro".

Só essas duas peças da indumentaria coimbrã não vieram, ou não foram alli admittidas. Phaelante da Camara explica o facto pela differença do nosso clima, pelos grandes calores que exigem aqui o uso do "chapeu de abas largas e tecidos leves". Não me parece a explicação accetavel. Em pleno verão e nos dias mais quentes do Recife, os academicos de

ha 30 annos saiam de chapéu alto e fraque ou sobrecasaca preta: era mesmo esse o traje habitual dos que tinham bôas mesadas. O traje distinctivo. Antes eu quero acreditar tenha sido o receio de se confundirem com os seminaristas o que levou os academicos de Olinda a não usarem tambem a batina. Já em 1800, quando D. José de Azevedo Coutinho installou o Seminario de Olinda, dizia-se, conforme refere um chronista da epoca, que esse estabelecimento “pelo seu programma dos estudos superiores, scientificos, *transformara aquella cidade em uma nova Coimbra*. Isso, de alguma sorte, fundamenta o meu modo de ver. Que de rivalidades, com effeito, não haveria, n’essa “nova Coimbra”, entre os ultimos e os primeiros detentores do espirito universitario da antiga? Essas rivalidades não são mera supposição minha. Basta ler o que, na sua memoria historica de 1859, dizia Apri-gio Guimarães, para se ter a noção da sua realidade. Ahi o douto professor já exprobra “um socialismo que se discute, desassombadamente, nos corredores de S. Bento; e onde os discipulos de Platão e Fenelon imaginam corrigir as leis sociaes de Deus”. Certo, os academicos de Olinda — esses reformadores das leis divinas — não podiam se vestir da mesma maneira que os mantenedores das ditas leis.

Em Olinda — e mais tarde tambem no Recife — os estudantes faziam vida em commun, morando varios d’elles em uma só casa com um criado para lhes fazer as compras e preparar a comida: costume igualmente seguido outr’ora pelos estudantes francezes.

Reuniam-se assim de preferencia os collegas da mesma provincia, o que não excluia como academicos a solidariedade que existia entre todos. A isso chamavam *republicas*. Não haveria ali n'essa denominação uma reminiscencia d'aquellas "pequenas Republicas", como eram chamados, na Renascença, os estabelecimentos universitarios da Hespanha comprehendendo as casas dos estudantes, que tambem eram privilegiadas? Como se sabe, a independencia d'esses estabelecimentos era absoluta. Elles gozavam de todas as immundades, sendo uma das mais apreciadas a prohibição de se fazerem diligencias policiaes ou judicarias nas habitações dos lentes e estudantes. Como em todas as universidades da Europa, a partir do seculo 12 em que ellas receberam uma organização mais ou menos semelhante, não só quanto aos cursos e aos estudos, mas tambem no que diz respeito a corporações de mestres e alumnos, — o estudante era n'aquelles centros uma potencia — "potencia oppressiva, tyrannica, com a qual deviam contar os poderes publicos", diz um escriptor.

Tambem, no nosso pequenino centro de Olinda, sem os privilegios e as immundades das universidades medievaes, sem jurisdicção especial e sem a independencia das "pequenas Republicas" da Renascença, tão só por força da tradição, pelos fios de ligação multiseccular d'essas instituições, o estudante se constituiu uma força. Era na Academia que se tinha refugiado em um periodo de revoluções a opposição religiosa e politica — esta, sobretudo,

que não teria talvez como órgãos senão os jornaes dos estudantes.

Ha, pois, que obter com o conhecimento do passado alguma coisa mais que a simples satisfação ao gosto do pittoresco ou das coisas antigas; com elle se tem, tanto em materia de instituições universitarias como de instituições sociaes, religiosas ou politicas, a confirmação do encadeamento historico, da persistencia das tradições ligando umas ás outras as epochas mais distantes.

\*

\*\*

Varios outros motivos são apresentados para explicar a formação do espirito de corporação em Olinda. Attribuem-no a circumstancias locais: uma cidade de pequena população, sem divertimentos publicos nem distrações familiares, isolada: “os estudantes, diz o Barão de Penedo, tinham uma existencia a parte, e dominavam completamente a cidade a titulo de corpo academico”. Nada d’isso, porem, quer me parecer tenha influido; ou, se influiu, foi de modo secundario. Sem essas causas, o espirito de corporação se teria formado da mesma maneira.

E não nasceu elle, e não se formou, nas universidades da idade media, em cidades populosas e cheias de entretimentos de toda a natureza? Paris era já desde o seculo 12 um lugar de delicias — *locus deliciarum*, na expressão de um velho chronista: cidade de perdição, de vicio, de libertinagem. habil em attrahir e seduzir as almas; a capital, como di-

zia outr'ora o arcebispo de Mayença, que fazia correr : "nas veias dos jovens o veneno dos prazeres carnaes". E já a esse tempo os pregadores se mostravam severos para os estudantes parisienses: elles, nas objurgatorias dos sermonarios, eram já uns patusqueiros, uns frequentadores de *cabarets*, uns devassos que não escondiam, antes ostentavam as suas licenciosidades, e não temiam a ninguem. "A indignação com que falam os mysticos, quando se levantam contra a corrupção dos costumes, diz um escriptor, traduz-se n'uma crueza de expressão capaz de fazer corar os libertinos". Esta observação era ditada a proposito do cardeal Jacques de Vitry, morto em 1244. O retrato, entretanto, que esse prelado havia feito dos costumes dos estudantes da Universidade de Paris, no seculo 12, e que é tão pouco lisongeiro, parecera a alguns ainda abaixo da verdade.

Nas universidades italianas, os costumes não eram menos censuraveis, nem os estudantes menos folgazões. Em Bolonha, os exames eram sempre seguidos de divertimentos, que davam lugar aos mais graves abusos. Tudo era pretexto para se comer e sobretudo beber. As chronicas estão cheias das mais ruidosas folganças a que se entregavam os estudantes, e, não raro, tomavam parte n'ellas os proprios professores.

Coimbra tambem teve a sua tradição escolastica, e com ella uma intensa vida bohemica. Muitos, porcm, dos seus estudantes não souberam dosar bem esses dois venenos: d'a-

hi, a dupla intoxicação — da alma e do corpo — que inutilisou alguns d'elles.

Em Olinda, nesse tranquillo “burgo ecclesiastico” como a chamou o snr. Gilberto Freyre, a mocidade reviveu as mesmas tradições — as tradições universitarias de Coimbra — se bem que em ponto pequeno. Em ponto pequeno, e com muito menos intensidade: tambem por isso não se envenenou. O ruido das festanças amorteceu com o som dos sinos mysticos no alto das torres coloniaes; ou se diluiu ao luar das praias na voz das serenatas — tambem uma outra tradição.

Aliás, aquelles excessos da vida universitaria de outr'ora eram devidos ás immuniidades de que gozavam as corporações: mestres e estudantes, por isso mesimo que tinham amplas regalias, se julgavam no direito de tudo fazer; e nada os intimidava. Como quer que seja, nem a vida intensa nem o exagero de entretenimentos obstaram a que se criasse e se nutrisse nos centros mais populosos o espirito de corporação proprio das universidades.

Não é, pois, plausivel que esse espirito se haja constituido em Olinda justamente porque faltassem ali as distrações ou porque a sua população fosse reduzida.

Ha, naturalmente, differenças a estabelecer — e notaveis — entre o “*esprit de corps*” que pode existir nos centros universitarios das grandes cidades, como Paris, e o que reina de uma maneira inconfundivel nos das pequenas, como nas cidadesinhas de universidades allemãs que formam um mundo a parte, cu como na de Oxford, que é ella mesma

um espirito. Essas differenças podem ser só por si o objecto de um interessante estudo, que eu me não proponho, aliás, a fazer aqui.

De passagem, porem, bastaria ver como a organização e o ensino d'essas differentes universidades se distinguem uns dos outros e, por consequencia, como é diverso tambem o espirito que n'ellas influe. A Universidade de Paris, por exemplo, superior por muito tempo a todas as outras escolas da mesma ordem, e que tinha como rivaes Bolonha e Oxford, caracterisou-se outr'ora pelo seu ensino da theologia. *Vade Bononiam vel Parisiis*, dizia o pae de familia ao seu filho que emprehedia viagem para uma ou outra d'essas universidades conforme os gostos e os recursos. Para Bolonha se dirigiam os futuros juristas; Paris attrahia de preferencia os theologos, os philosophos, os que eram então chamados os *artistas*.

Oxford poderia chamar-se uma synthese da Inglaterra. Ahi se encontram, n'uma escala menor e com menos dignidade apparente, toda a nação official, suas qualidades, seus vicios, suas vaidades, seus preconceitos, seus abusos. Oxford tem o seu genio tradicional e quase immutavel, que, sob muitos aspectos, resume perfeitamente o genio britanico. Na constituição e nos habitos universitarios estão mais ou menos em relevo os traços essenciaes da Inglaterra: a Igreja, o espirito de hierarchia a que applicamos impropriamente aqui o nome de aristocracia, os privilegios do dinheiro. O ensino ahi está hoje muito dif-

ferente do que era outr'ora; a vida, o espirito, são porem os mesmos. Em Oxford, os estudantes não aprendem nada ou aprendem bem pouca coisa do que os programmas indicam, e esses programmas dão bem a idéa do que seja o ensino alto na Inglaterra. Em nenhum outro paiz, ninguem teria a fantasia de os copiar ou imitar, quando mesmo uma copia fosse possivel; o que eu não acredito. Mas os estudantes de Oxford apprendem uma coisa preciosa, a vida ingleza; elles se penetram com facilidade dos principios constitutivos d'essa grande existencia politica, na qual elles serão alguns annos mais tarde chamados a entrar. Tudo é combinado, instituição, ensino, relações, para extinguir n'elles até o germen do enthusiasmo e dos sonhos, nos quaes se accende a chamma das revoluções. Tudo os prepara a reconhecer e manter esse conjuncto de tradições e de privilegios, de abusos e de liberdades, que os espiritos conservadores proclamam como a verdade absoluta, e que os espiritos liberaes veem somente como uma verdade todo relativa; mas de que os mais ousados só muito timidamente tentam isolar o bem e sacudir o jugo.

Bem differentes de Oxford são já as universidades italianas, das quaes Bolonha vem a ser o seu modelo. Aqui o caracter positivo da nação se reflecte no ensino: são as sciencias praticas, lucrativas, taes como a jurisprudencia romana e canonica, é a medicina, que sobresaem; não houve jamais na Italia uma escola theologica, isto é de escolastica e de philosophia que se podesse comparar, mesmo de

longe, pela consideração e o numero dos alumnos, com a universidade de Paris ou a de Oxford. Tambem, nenhuma universidade italiana, apesar da sua constituição toda democratica — os estudantes formavam outr'ora uma corporação e elegiam seus superiores — chegou a gozar d'essa importancia, d'essa autoridade no Estado e na Igreja, que as universidades inglezas possuiram quase em todo o tempo, e as universidades francezas de espaço a espaço. A organização das escolas italianas era menos rigorosa, mais instavel: assim — e eis ali um symptoma curioso — a litteratura italiana a partir de Dante e durante os tres seculos que seguem sua morte se desenvolveu em grande parte fora das universidades e em uma completa independencia.

Das universidades francezas, inglezas e italianas, differem essas universidades das pequenas cidades allemãs que formam, como eu disse, um mundo a parte, um mundo onde reinam idéas e costumes particulares, que os estudantes ali deixam com o classico boné de couro; a espada, as botas de couro e as insignias da corporação. Essas velhas universidades germanicas têm por assim dizer um duplo passado: suas tradições scientificas, a parte que tomaram na Reforma e na diffusão dos conhecimentos humanos; depois, ao lado, suas tradições alegres. Podem nos mostrar uma antiga sala onde tinha o seu curso um pregador da Reforma; mas hão de nos mostrar tambem os *cabarets* enfumados onde os estudantes celebravam as ceias *pleno poculo et in dulci júbilo*; hão de nos mostrar as ruas estreiti-

tas e tortuosas em que desde tempos immemoriaes ondeam, calida a noite, os cortejos luminosos, ao som do velho canto *Goudeamus igitur*; podemos ver os lugares de recreio situados ao redor da cidade, onde, como outr'ora, elles brincam ou se batem em duelo, o que é o mesmo. Em summa, a universidade tem um duplo perfil, e pede ao mesmo tempo um capitulo na historia da cultura intellectual e na historia dos costumes.

As universidades hespanholas criadas depois da de Salamanca apresentam pontos de semelhança com os *studium generale* da França e da Italia; mas seria erro acreditar n'uma copia litteral. Ao contrario, o que se deve inferir dos rescriptos reaes, é que essas universidades tiveram uma organização que lhes é propria, e que não é francamente nem a de Paris, nem a de Bolonha. E' a bispos, é aos deões das cathedraes, é aos priores dos conventos que os fundadores recorrem, quer, como São Fernando, para criar uma jurisdição universitaria, quer, como Affonso 10, para confiar, em mãos seguras, a gestão financeira. Ahí não se trata ainda de uma corporação de estudantes independente e autonoma — traço característico das universidades italianas; e, quanto aos papas, limita-se o seu papel, na maior parte dos casos, a consagrar o que já existe, pela só vontade real ou municipal: não é o mesmo que acontece com as universidades da França, onde a Santa Sé provoca, ás vezes, a criação do *studium generale*, e concede cartas, como, por exemplo, em Montjellier, em Toulouse, e em outras.

Mas o traço, com que melhor se pode differenciar as universidades hespanholas das demais universidades da Europa é, a meu ver, o seu destino. Esse destino foi bem tragico — pode-se dizer. Após haverem gozado d'uma consideração immensa, a principio, em toda a Europa, soffreram logo uma queda profunda. No seculo 17 —, ellas estão já em plena decadencia : o apparatus imponente, os collegios numerosos, as prebendas consideraveis, as bibliothecas, as controversias doutoraes, isso, não se acabou; mas esse corpo não tem mais alma. Discute-se ainda, como faz ver um escriptor; não se ensina mais.

Coimbra tem tambem a sua physionomia propria, os seus traços peculiares, que a distinguem das outras universidades européas. Faltaram-lhe desde o começo os collegios, que são, pode-se dizer, a raiz mesma da arvore universitaria; e isso só já seria o bastante para differencal-a, se outras dessemelhanças não existissem.

Em conclusão ,todas essas instituições guardam entre si as suas diversidades caracteristicas, embora ellas realmente se assemelhem por certos lados. Em todas, o espirito de corporação é visivel, variando, entretanto, nas suas manifestações.

\*'

\*\*

Não se conhece no Curso Juridico de Olinda, apesar de sua instalação e permanencia por muitos annos no mosteiro de São Bento, nenhuma exteriorização commum de

sentimento religioso, isso, que irá apparecer mais tarde em sua mudança para o Recife. A fé religiosa era alli individual, não era collectiva; com o espirito de corporação se não havia ainda formado um ideal religioso unindo os mestres e estudantes. Também, nenhuma affirmação de ordem litteraria, ou philosophica, partindo da corporação, anima esse periodo; e só depois se verá surgir igualmente no Recife um ou outro d'esses movimentos.

Porque teria sido então isso? Tanto n'um caso, como n'outro, quer para o não apparecimento de um ideal religioso, como para a ausencia de uma expressão litteraria ou philosophica, uma dupla razão me parece teria existido. Primeiramente, a natureza do ensino ministrado no Curso Juridico. Este ensino era quase exclusivamente pratico, diz-nos Joaquim Nabuco. "Apprendiam-se as ordenações, regras e definições de direito romano, o código Napoleão, a praxe, principios de philosophia do direito, por ultimo as theorias constitucionaes de Benjamin Constant, tudo sob a inspiração geral de Bentham".

Essa instrucção não era propria a fazer nascer o gosto pelos problemas transcendentaes e especulativos, ou ainda pelos themas de puro interesse litterario, que apaixonariam mais tarde a mocidade do Recife.

Depois, os estudantes de Olinda haviam muito cedo entrado na actividade politica e na vida da imprensa, tinham-se feito jornalistas partidarios, — e as folhas em que escreviam, o Olindense, o Eco de Olinda, a Voz do

Povo, a Voz do Beberibe, o Velho de 1817, são uma prova d'isso.

Não podendo receber nas aulas do Curso nenhuma tentação para se perderem em abstracções, e não lhes permittindo a arena ardente da imprensa o socego para a leitura dos autores theoreticos, como esperar d'elles um movimento de tal natureza?

Quem poderia meditar ou sonhar no meio da polemica febril do jornalismo, cujas lutas quotidianas attrahiam tão poderosamente os jovens estreiantes?

Joaquim Nabuco resalta a feição pratica do ensino de Olinda, o seu character muito pouco scientifico, para poder affirmar que : "a pleiade sahida, nos primeiros annos, dos novos cursos juridicos não aprendeu n'elles, mas por si mesma, o que mais tarde mostrou saber". Essa pleiade era a de que fizera parte Nabuco de Araujo, e a que pertenceram, entre outros, Eusebio, Ferraz, Souza Franco, Sinimbú, Carvalho Moreira, Zacharias, Wanderley, Sergio Teixeira de Macedo. Essa, a primeira geração que sahiu da Academia de Olinda — a geração politica que deu ao paiz legisladores e homens de governo; mas a em que o autor de Um Estadista do Imperio se recusa a ver, na sua formação mental, a influencia da velha escola. Entretanto, era o estudo academico d'aquelle tempo, como dizia o Barão de Penedo, um estudo serio e proveitoso. Figuravam "com grande brilho" no corpo docente os doutores Pedro Aufran e Moura Magalhães. Mais tarde entraria para

o seu seio Paulo Baptista, já filho da mesma Academia.

Foram, a meu ver, esse ensino de Olinda todo depurado de exageros doutrinarios e essa escola preliminar de politica partidaria dos estudantes academicos, que prepararam para os triumphos da carreira publica uma grande parte da mocidade mais intelligente d'aquella epoca. A geração anterior vinda de Coimbra era toda ella composta de ideologos — de utopistas, diria melhor —, e a seguinte, sel-o-ia da mesma maneira. A que se formou em Olinda nos primeiros annos do Curso deu para a vida pratica muito maior numero de homens notaveis que aquella que fez mais tarde no paiz uma revolução nas idéas e no pensamento. Assim, os theoreticos, os revolucionarios, os idealistas, appareceram depois. A geração a que me refiro se não se mostrou inteiramente extreme de algumas utopias, que teria porventura apprendido, apprendeu pelo menos, tambem a desdenhar d'ellas, e a condescender e capitular com a realidade. Por isso, ella não se perdeu no sonho; não foram os seus representantes jamais esses idealistas “utopicos” de que fala em um interessante estudo o sr. Oliveira Vianna.

Aliás, n'esse escriptor mesmo, para quem a geração que succedeu á primeira da independencia e agiu nos iniciaes decennios do 2.º Imperio teria herdado o mesmo idealismo “utopico” da antecessora, eu encontraria o melhor apoio ao meu pensamento nas restricções que elle proprio faz e que são quase annullatorias da sua opinião. Assim, diz o sr,

Oliveira Vianna no seu estudo — Idealismo na evolução politica do Imperio e da Republica:

“O seu programma (o programma do partido progressista de 62) era um programma moderado. Inspiraram-no homens da estatura de Zacharias, Theophilo Ottoni e o futuro Rio Branco. Não queriam a descentralização politica, embora pleiteiassem a descentralização administrativa — no que se mostravam prudentes e sensatissimos”. Mais adiante”.

“Ao problema da organização das liberdades davam-lhe uma solução racional, mais ou menos inspirada na experiencia, propunham uma organização judiciaria, em que uma magistratura independente e assegurada na sua autonomia dizia do direito, fora das suggestões do faccionismo. Propunham mais: a separação da magistratura e da policia, que a lei necessaria, mas violenta, de 3 de dezembro de 41 havia lamentavelmente confundido”. E conclue d’este modo:

“Como se vê, utopistas quanto ao problema da organização administrativa, quanto ao da soberania do parlamento, os progressistas, no tocante á organização das liberdades civis, se mostravam perfeitamente razoaveis, objectivistas, praticos — e o seu idealismo n’este ponto offerece os caracteristicos de idealismo organico”. E o “idealismo organico” é para esse nosso eminente sociologo o que é para Ingenieros o “idealismo fundado na experiencia”, isto é, uma como antevisão da realidade futura — o idealismo que representa, como observa Julio Endara, citado

pelo sr. Oliveira Vianna, “uma força moral inspirada no desejo de melhorar o real e não uma simples doutrina metaphysica abstracta”.

Não podiam ser idealistas “utopicos” aquelles estadistas, sahidos da geração dos primeiros annos de Olinda, que conceberam, pelo espirito de Nabuco de Araujo, idéas tão praticas e tao em harmonia com a nossa realidade social, como as que ficaram enfim crystallizadas na Reforma Judiciaria de 71. E a proposito d’isso escreve o sr. Oliveira Vianna, nq seu alludido trabalho : “O facto d’esta reforma liberal ser realizada por um gabinete conservador (o gabinete Rio Branco) é mais uma prova de que os progressistas de 62 e radicaes de 68, n’este ponto, não praticavam o idealismo utopico mas, sim, um sadio idealismo organico” .

Tambem não sei se terá inteiramente razão o sr. Oliveira Vianna nos dois unicos pontos, a que elle circumscreveu a critica do seu “idealismo utopico” referente aos nossos homens publicos d’aquella epoca, e que são : a soberania parlamentar e a descentralização administrativa. Quanto a esta ultima é o proprio sr. Oliveira Vianna quem nos diz na sua obra Evolução do povo brasileiro, que ella não era só uma pura formula theorica ou um sonho de visionario, mas tambem era a expressão de um “estado d’alma nacional” irrecusavel.

“Ha muita suggestão doutrinaria e exotica n’esse appello á descentralização, escreve o sr. Oliveira Vianna. Ha, porem, n’elle

um innegavel fundamento nacional. Dá-se aqui uma coincidência entre as theorias politicas e a nossa realidade americana. Os descentralizadores — federalistas, municipalistas, liberaes emfim — não são apenas theoristas ou sonhadores: elles exprimem tambem um estado d'alma nacional. Os principios de philosophia politica, com que justificam a descentralização, o federalismo, o *self-government*, colorem ambições mais intimamente radicadas á terra e ao povo: são uma demonstração doutrinaria de um estado moral que tem suas origens nas realidades do proprio meio”.

Isso está dito magnificamente, é certo; mas é uma outra restrição — e das mais consideraveis — que o autor faz ainda á sua these.

Não sei como chamar utopico a um espirito como o de Euzebio de Queiroz: espirito conservador, energico, conhecedor de homens e lidando unicamente com factos: — elle foi a antithese, justamente, dos que lidam só com idéas ou não conhecem o mundo real.

Fantasia não sei como seria o Barão de Penedo, um dos autores e o redactor unico d'esse Regulamento 737 ainda hoje a mais perfeita e tambem a mais pratica de nossos leis.

Ideologo não podia ser o Barão de Cote-gipe, talento que se fez fora dos livros, inimigo nato da erudição, politico para quem só a experiencia e o exito mereciam estima; que não fazia caso de idéas puras, e sabia vencer sempre em si o instincto do reformista. Si-

nimbú era a negação mesma do puro idealista: nunca foi homem de estudos nem de gabinete; preocupavam-no sobretudo os problemas relativos ao desenvolvimento material do paiz.

Quem pode negar ao Barão de Uruguayana — o inspirador da politica financeira de 1860 e o incansavel ministro da Guerra na guerra do Paraguay — as qualidades de um homem de governo pratico e previdente?

De Zacharias de Góes, creio não ha quem ignore que elle era um frio temperamento de politico partidario, indifferente a idéas, insensivel; uma intelligencia aguda e culta, mas sem imaginação; um espirito de combatente opposto ao de sonhador.

Idealista theorico, “utopico”, não foi, pois, nenhum d’esses homens publicos que se formaram em Olinda na phase inicial do seu Curso Juridico. D’elles, uns, como Nabuco de Araujo, teriam sido idealistas positivos, praticos, ou “organicos” na expressão do sr. Oliveira Vianna; outros exclusivamente objectivistas; mas todos, homens da realidade.

A geração dos puros idealistas viria muito depois: — essa geração de idealistas litterarios antes que politicos — e da qual foram as principaes figuras Castro Alves, Tobias, Palhares, Sylvio Romero, Araripe Junior, Franklin Tavora, alem de outros.

Antes d’isso porem, antes d’essa agitação puramente litteraria, a Academia, ao installar-se no Recife, tomou uma feição claramente religiosa, não tanto no ensino, como na parte que tomavam nas cerimoniaes do culto ca-

tholico lentes e estudantes, o que, como acima notámos, não se tinha produzido durante a sua permanencia em Olinda. Os estudantes, tendo fundado a Irmandade de Nossa Senhora do Bom Conselho — a padroeira da Academia —, fizeram, como refere Pereira da Costa, a trasladação da imagem da igreja do hospicio da Penha para a do convento de S. Francisco em procissão “solemne e pomposa”, a ella tendo assistido os lentes, o director, e o bispo da Diocese. Pairara no ar o espirito de religião : — todos como que estavam d'elle mais ou menos impregnados. Escrevia o dr. Braz Florentino a sua proposição contra o casamento civil; e o velho conselheiro Autran ia ajudar á missa, vestido de casaca e trazendo ao pescoço uma larga fita escarlate com a effigie da padroeira, insignias da confraria academica.

Difficil seria explicar, talvez, o apparecimento d'esse mysticismo na geração nova da Academia, sem admittir a influencia lenta, subtil, irresistivel, do meio onde se formaram e viveram durante varios decennios as gerações anteriores. A alma tradicional de Coimbra revivescida ao sopro espiritualista da vida olindense, seria assim a força mysteriosa que fazia ainda irromper fora do seu ambiente as idéas n'elle nutridas.

Como quer que seja, essa demonstração de um só ideal religioso impulsionando ao mesmo tempo alumnos e mestres, é uma prova, a meu ver, — e não a unica — de que o espirito de corporação não havia de todo desaparecido, nem começara mesmo a decli-

nar, com a mudança da Academia para o Recife.

N'este ponto, ainda, eu estarei em divergencia com a opinião geral; mas dou as razões porque d'ella divirjo.

Não só por essa manifestação collectiva de um mesmo sentimento religioso, tambem pelo entusiasmo civico em que estudantes e lentes se acharam identificados ao tempo da guerra, tem-se a certeza de que não estava ainda amortecido na Academia do Recife aquelle espirito de corporação que animara o Curso de Olinda. Era n'essa epoca — tão cheia de vibrações patrioticas — que o dr. Trigo de Loureiro se apresentava ao governo a frente dos seus discipulos, vestindo a farda de voluntario da patria e disposto a ir bater-se por ella nos charcos do Paraguay.

E ainda um signal de sobrevivencia do espirito de corporação na Academia do Recife, é aquelle movimento litterario que apaixonou sobretudo os estudantes, mas em que tomaram parte tambem alguns professores, ao tempo da poesia condoreira, vem a ser de 64 a 70: — o periodo mais brilhante da nossa Academia e o de mais expressiva idealidade.

A geração de academicos d'esse tempo, essa, sim, era toda ella de idealistas. Não eram politicos, como eu disse, os que n'ella se sobresahiram; eram apenas litteratos: poetas, criticos, romancistas. D'essa geração sahira Tobias Barreto; mais tarde, em 82, elle seria nomeado lente, e se tornaria o arauto das "novas idéas".

Mas é preciso não confundir esse perio-

do de Tobias já professor, em que o movimento intellectual que n'elle se opera é mais, por assim dizer, philosophico — o do germanismo na Faculdade — com aquelle outro de que trato agora e em que o movimento é puramente litterario — o mais bello periodo do meu entender de toda a historia da Academia. Tobias e Castro Alves fundam ainda estudantes a escola condoreira: é a phase da poesia nova, a um tempo impregnada de emoção lyrica e sopro patriotico. Recife é n'essa epoca uma cidade de intensa vibração intellectual, e a Academia o maior centro irradiador de espiritualidade em todo o paiz. Revistas e jornaes exclusivamente litterarios ahi circulam; publicam-se livros de poesias e de critica; levantam-se discussões sobre litteratura; as livrarias expõem as obras dos melhores autores classicos e romanticos; a vida social recebe com esse desabrochar de intelligencia um brilho novo.

Recife, tem pois a gloria de haver servido de centro ao movimento intellectual d'essa epoca, e com isso se elevou a uma altura tal como nenhuma outra cidade brasileira em nenhum outro tempo. Certo, é um quadro admiravel e um contraste muito sensivel ver irromper d'esse foco tão tranquillo e modesto uma luz tão intensa; e seria instructivo assistir pelo pensamento ou na lembrança a essas revoluções do espirito, obras d'alguns jovens em quem o fulgor da idade iguala a inspiração e o genio. E' verdade tambem que o pouco de extensão mesmo do lugar, favorecendo assim e especializando essa centralização ideal, tor-

nava mais facil em seguida a expansão e o desenvolvimento d'aquellas bellas criações.

Com a rivalidade que não tardou a se produzir entre os dois chefes da escola condoreira, a agitação intellectual fez-se ainda maior. Surgiram os partidos; e os partidarios de um ou de outro lado tinham o mesmo enthusiasmo, a mesma exaltação. Era o momento em que no theatro Santa Izabel Tobias e Castro Alves, como dois repentistas batendo-se em um original encontro, improvisavam as odes de fogo com que se feriam mutuamente e incendiavam toda a plateia. Era uma especie de desafio, ou melhor, de duello poetico, substituindo cavalleirosamente a esgrima ou a luta romana.

Em tempo nenhum os estudantes da nossa Academia mostraram gosto pelos exercicios do corpo: isso já havia sido observado por Joaquim Nabuco, quando se referia ás distrações em Olinda, que não passavam de palestras, de passeios ao Recife, das festas populares, das estudantadas nocturnas e de funcções theatraes. Quanto a estas, eram os proprios academicos que faziam alli as representações; e o Barão de Penedo recorda a proposito como Nabuco de Araújo desempenhava tão bem o seu papel de Major Francal no *Desertor Francez*, "drama muito apreciado n'aquelles tempos".

O contrario d'isso é o que se observa com relação á cultura physica nas Faculdades da Europa. Nas universidades da Allemanha, por exemplo, como em todos os estabelecimentos de instrucção publica d'esse paiz, a saúde

e o desenvolvimento physico são o objecto de uma especial vigilancia. Os exercicios corporaes são tidos em grande conta. Chegados á universidade os estudantes apprendem, como se sabe, a manejar o florete. O uso dos duellos se conservou entre elles : uso tolerado e regulado mesmo pelos governos. Esses duellos geralmente são pouco serios; mas, a consideral-os só sob o ponto de vista physico, elles contribuem pelo menos a dar aos rapazes agilidade e força. Tambem, desde meninos, elles se habituam ao exercicio militar com armas apropriadas á sua estatura e as suas forças, sob a direcção de homens do officio.

Aqui, no nosso pequeno centro academico e na phase a que me reporto — phase a um tempo de guerra e de poesia — os estudantes alistam-se nos batalhões de voluntarios, mas se exercitam tambem nos torneios da palavra; e esta ora é vehemente, ora suave: ora é um hymno, ora um madrigal.

E já por este só aspecto se pode ver como o espirito universitario allemão é bem differente do nosso. Assim, no que toca unicamente a esse ponto o espirito do ensino e da educação publica na Allemanha é formar homens sadios, vigorosos, duros á fadiga; entre nós nunca foi esse o seu objectivo. E se fossemos a estender mais longe o nosso confronto, havíamos de ver, tambem sob outros pontos de vista, ainda outras differenças.

Não só por este unico aspecto já encarado, mas ainda pelo lado moral, religioso, politico, intellectual, haveria talvez muito que apreciar.

Da mesma forma, no que diz respeito á influencia que exercem, sobre a opinião, os professores das universidades, quer em politica, quer em religião, haviamos de ver como na Allemanha ella é assaz poderosa, pode-se dizer um dos phenomenos, mesmo, mais salientes que a sua historia nos apresenta. No Brasil, ao contrario, essa influencia tem sido pouco consideravel, ou, pelo menos, não tão clara como n'aquelle paiz. Todos os factos politicos e todas as grandes idéas de reforma tem partido, na Allemanha, da cadeira dos professores. Nenhum dos movimentos politicos que tem agitado a nação brasileira, teve ainda por ponto de partida os enthusiasmos dos nossos cathedrauticos. Isso absolutamente não importa em uma negação do alto valor de algumas intelligencias fortes, que passaram pelas nossas cadeiras de mestres. A importancia do professor allemão se prende a outras causas — causas diversas que me não cabe aqui analysar.

Nesse mesmo brilhante periodo da historia da nossa Academia dois professores já ahí se distinguem — Paula Baptista e Aprígio Guimarães, que teriam de ficar na tradição oral repetida ainda entre os estudantes, como duas figuras lendarias.

O autor do compendio de Theoria e Pratica do Processo era um dos mais cultos espiritos da geração saída de Olinda, e foi um dos maiores professores da Academia, no seu tempo. Sem duvida, o perfil que d'elle nos ficou, não seria marcado ao cunho de uma representação oriunda só da realidade, e sim, tambem,

da pura imaginação. A medalha nos faz ver ahí impressa a imagem de um super-homem: mas elle proprio não a teria desconhecido. Até onde não nos podem levar a fantasia e o orgulho?

Quem não teria ouvido dizer, na Academia do Recife, que o pequeno tratado de Hermeneutica Juridica de Paula Baptista, fora vertido para o allemão e destinado aos estudantes das universidades tudescas?

E todavia esses estudantes, na epoca, mesmo, em que aqui preleccionava o nosso grande mestre, ouviam na sua terra os melhores professores: Gneist, um dos maiores oradores da camara prussiana e autor de varias obras classicas sobre a Constituição ingleza; Bruns e Rudorff, conhecidos por seus importantes trabalhos sobre o direito romano; Heffter, o primeiro jurisconsulto da Alemanha em materia de direito das gentes; de Holtzendorff, um dos primeiros, e, posto que ainda joven, já notavel pela agudeza de suas criticas e o seu perfeito conhecimento das leis. Isso, para não falar senão da Universidade de Berlim e de sua Faculdade de Direito.

Assim os estudantes das universidades allemãs não teriam talvez muito a aprender na obra do nosso antigo professor — obra, aliás, de grande valor e proveitoso estudo — para os alumnos brasileiros. Mas não se iria desfazer por isso uma ingenua lenda: ninguem ousaria tirar uma só flor que fosse da corôa do mestre.

Paula Baptista possuia, de sua intelligencia, e do seu saber, de suas qualidades de

professor, como da efficiencia do seu ensino, uma noção talvez não exaggerada, ou antes: — verdadeira. Mas elle não a exprimia senão com uma certa emphase que lhe era peculiar. Ora, em confronto com os outros professores, elle se proclamava a si mesmo o “astro de primeira grandeza” da Academia; ora, se suppunha ver nos seus discipulos alguma desatencão, elle se lamentava por ter de viver a *deitar perolas a porcos*. Mas os estudantes não o deixavam de ouvir com a mais constante solicitude; e o admiravam cada vez mais. Não era elle, realmente, o “grande luzeiro” da Faculdade, e a sua expressão mais brilhante na cadeira dos lentes?

Conta Phaelante da Camara que quando conheceu Paula Baptista e o viu, pouco antes de ser elle aposentado, presidindo a banca do quinto anno — muito velho, tropego, e tresandando a rapé — já elle não era mais do que uma gloriosa ruina. Não era “nem a sombra do que fora, nos lampejos da intelligencia, em dias d’outr’ora” escreve Phaelante.

Despreoccupado com a sua roupa — uma sobrecasaca velha, os bolsos cheios de embrulhos — e indifferente ás considerações sociaes, ia fazer as suas compras e as levava, elle mesmo; um dia o viram na rua sobraçando uma enorme melancia das Cucuranas. D’outra vez, era uma galinha escolhida aos garajaus que elle trazia, segurando-a pelas azas, atravez das ruas do Recife.

Positivamente, o nosso velho mestre não tinha a intenção de imitar em nada esse prevenido philosopho de Koenigsberg — que

tambem era professor. Kant, com effeito, segundo diz um dos seus biographos, quando o tempo não era seguro e elle tinha de dar o seu passeio regular ao longo de uma pequena aleia de tilias, chamada hoje a *aleia do philosopho*, — fazia-se acompanhar n'esse passeio pelo seu criado; o criado lhe conduzia então um guarda-chuva.

Aprigio Guimarães era um outro typo de lente : uma figura assaz interessante de professor — misto de bonhomia e cumprimento de dever — um tanto medieval e ao mesmo tempo o mais expressivo modelo de professor da actualidade, eloquente e sceptico, seguindo amoravelmente a tradição, mas livre sempre de poder tentar algumas reformas. Os seus discipulos o adoravam. Elle possuia realmente os dons com que podia ser, e foi de facto, um idolo para a mocidade. Como os professores da idade media, recebia tambem em sua casa os rapazes, palestrava com elles e lhes contava anedoctas, fazia emfim vida commum com os estudantes, revivendo d'esta maneira aquella solidariedade estreita, que unia antigamente alumnos e mestres e na qual residia a força mesma da vida universitaria do passado.

Engana-se o que tomar esse traço da physionomia de Aprigio, como um signal de repudio dos antigos costumes, ou uma iniciativa de novas praticas na vida da Academia. Elle não fazia senão reatar d'este modo um dos innumerados e invisiveis fios da tradição, mais fortes do que se suppõe.

A constante communicação dos estudan-

tes com os professores, nos cursos, ou fora d'elles, é, mesmo, a expressão mais característica da vida universitaria no outro tempo. Outr'ora, quando a séde das universidades era em cidades pequenas, os professores e os estudantes se achavam por força reunidos. Com o decorrer dos annos, porem, certas universidades foram transportadas para grandes centros, ou as antigas cidades universitarias se tornaram maiores, ou emfim novas universidades foram criadas em capitaes. Estas mudanças deram em resultado uma separação quase completa dos professores e estudantes.

Recife não era então, como ainda não o é actualmente, uma metropole assim tão vasta já, para que uma separação semelhante ali devesse se produzir.

Aprigio Guimarães continuava, pois, a entreter com os seus discipulos a velha camaradagem escolar que unira no passado alumnos e mestres; e isso explica no pequeno centro espirital de nossa terra o culto que elle teve.

Simultaneamente, entretanto, o douto cathedratico de Economia Politica se abstinha de toda a fiscalização sobre os que seguiam seu curso, mesmo dentro da Faculdade. Elle tinha por principio que um professor não deve ser um tutor. Não tem outro dever a cumprir senão o de dar a sua aula e de dal-a o melhor possível. Mas depois, que os estudantes sejam exactos ou applicados, isso é com elles. O professor, pensava, que quer exigir a assiduidade ou a applicação não é mais um professor. Em razão mesmo das theorias li-

beraes, o estudante deve ter o direito de tirar ou não o proveito das lições.

N'esse ponto, Aprigio Guimarães tinha já as mesmas idéas da maior parte dos professores actuaes. E era isso, precisamente, que lhe dava entre os seus collegas d'aquella epoca um certo ar de modernidade que escandalizava.

Aprigio fora com effeito o precursor de uma nova concepção no ensino das nossas escolas superiores. "Eu sou do ensino livre, dizia elle, mas tambem sou da força moral dos mestres, principio util não só á intelligencia mas ao coração dos discipulos".

E com esta phrase elle nos dava já por assim dizer uma synthese do seu espirito. Espirito a um tempo liberal e justo.

\*\*

Em relação ao ponto de vista intellectual, poder-se-ia ver a differença entre o espirito das universidades allemãs e o espirito da nossa Academia, n'esse movimento philosophico iniciado por Tobias Barreto, no anno de 82, ao fazer elle o celebre concurso em que obteve a nomeação de lente. Os que se teem referido a esse movimento, do qual foram figuras principaes entre os estudantes, Martins Junior, Fausto Cardoso, Gumercindo Bessa, Arthur Orlando, Alcedo Marrocos, Phaelante, Clóvis, e entre os professores, José Hygino e João

Vieira, costumam dizer que elle foi a grande revolução que transmudou o ensino de direito no Brasil. Até ahi não haveria nada que dizer em contrario — o ensino realmente se modificou desde esse tempo; mas elles expendem a proposito d'essa transmutação do ensino uma serie de considerações, e são essas considerações que me não parecem indiscutíveis.

Em primeiro lugar, é de ver o tom com que dissertam os doutrinadores d'esse movimento, o tom de *scientificismo*, de absoluto desprezo por tudo o que lhes possa rescender a metaphysica ou tenha o mais leve sabor ainda das *velhas idéas*. Já Sylvio Romero, um pouco antes, em sua defesa de theses dissera que a metaphysica “estava morta”. E' verdade que não escapou alli mesmo ao examinador perguntar-lhe: “E foi o senhor que a matou?” Quem lê, por exemplo, Phaelante — um dos representantes typicos d'essa phase a que elle chama “a idade de ouro” da Academia — tem a impressão, ao contrario, de que eram elles os maiores metaphysicos. Não importa o entono da linguagem; nem a riqueza de conhecimentos, ou a somma de verdades de que se julgavam senhores.

E quaes eram essas verdades? Eram Darwin e Haeckel; somente isto: — o naturalismo applicado ao direito. Phaelante escreve:

“O darwinismo sentiu-se á vontade na congregação e nos bancos academicos. Pela primeira vez ouviu-se n'aquelle recinto: o Estado é uma individualidade polymorphica, mudando de typo conforme as condições

ethnicas, mesologicas, culturaes, ou segundo o tempo e a area geographica". E acrescenta: "Certo é que se os velhos representantes do espirito vesgo de seita comprimiam os narizes para não sentir o cheiro de enxofre d'aquellas theorias diabolicas; se o rancor d'alguns discipulos de São Thomaz descobriu a mão do demonio n'aquella obra demolidora, em todo caso não se ouviu um protesto, nem o mais ligeiro signal de resistencia das forças reaccionarias no corpo docente".

Isso é uma pequena amostra da maneira de dizer — impregnada ao mesmo tempo de menosprezo e emphase — dos apóstolos das "novas ideas" de que Tobias era o mestre. Essas "novas ideas" é que deveriam substituir no entender de todos elles as idéas antigas.

O systema de Darwin, entretanto, não era uma novidade; elle tinha tido os seus precursores. Sua historia, se se tivesse de fazel-a, seria a historia mesma da philosophia da natureza no seculo 18. De Leibnitz a Hegel e a Darwin, passando por Diderot e Lamarch, achar-se-ia sem duvida uma como corrente outr'ora ignorada, mas da qual nos apparecem claramente agora a direcção principal e as sinuosidades variadas, não sendo difficil lhe determinar as fontes primeiras. Já em 1794, quando Goethe trabalha em um livro seu sobre a natureza, Erasmo Darwin publica o primeiro volume de sua *Zoonomia*; e ahi elle antecipa as theorias do seu neto. As hypotheses da sciencia contemporanea — julguem-se embora no direito de zombar das idéas metaphysicas, os seus representantes — têm por

primeira origem contudo idéas metaphysicas. Foram as formulas e as leis ideadas por um philosopho que fizeram nos espiritos essas agitações d'onde sahiram as theorias naturalistas d'hoje, d'onde certo havemos de ver sahir ainda outros systemas não sei se menos fallazes. A lei de continuidade reina, desde Leibnitz, no dominio das sciencias naturaes.

E' talvez por essa sua ligação com o tronco idealistico, que o darwinismo tem parecido um pouco suspeito aos olhos de certos homens de sciencia. A alguem, que teve a honra de conversar com J. H. Fabre em seu retiro de Serignan, ha 14 annos, dizia esse genial octogenario a proposito das idéas transformistas: — "*ce sont des âneries* — e tirava uma fumaça do cachimbo que sempre se apagava, e que respeitosa e o filho accendia. *Le transformisme? Tenez, je croirais encore plus volontiers á present á la metempsychose.*

*Les abeilles d'aujourd'hui sont exactement ce qu'elles étaient il y a dix siècles*".

—Mas Darwin?

—*Oh! celui-la! Ses observations même n'ont guère de valeur. J'ai essayé de le lire; mais j'y ai renoncé; c'est du roman. D'ailleurs, en règle générale, j'ignore les philosophes.*

\*  
\*\*

Era por essa metaphysica darwiniana que se queria substituir na Escola a que alli

existia — “o espirito vesgo de seita” — incompativel com o novo pensamento. Mas, esse sectarismo cego é que não havia alli, o que havia era o espirito corporativo, — que o movimento renovador de Tobias juntamente com a reforma do ensino livre viera enfraquecer, e se esvaneceu de todo nos ultimos annos sob a influencia ainda de outras causas — causas externas que o fizeram desaparecer tambem de varios centros universitarios da Europa.

Espirito de seita, sim, queriam alli implantar os vehementes religionarios do novo credo — o monismo darwiniano á maneira de Haeckel — pregado pelo imaginoso espirito do poeta sergipano. E digo do poeta, e não do philosopho, porque Tobias, que foi ao mesmo tempo um ensaista, um critico, um jurista, um apaixonado de estudos philosophicos, não foi, a meu ver, grande verdadeiramente senão como poeta: atravez de todas as manifestações de sua intelligencia é o genio poetico sempre que apparece, é a força idealizadora que predomina n'ellas.

Sente-se em toda a obra de Tobias o sopro impetuoso, o espirito imaginativo, a espontaneidade lyrica, e até o rythmo do antigo rival de Castro Alves na poesia condoreira. A tendencia poetica era n'elle superior a todas as outras. Estava-lhe na raiz mesma do ser, ou, como diria um psychologo, ella fazia parte de sua *personalidade innata*: não podia ser modificada. E n'isso eu estou de inteiro accordo com Sylvio Romero, com aquella sua opinião expressa no segundo volume da Historia da Litteratura Brasileira.

Dirirjo porem, d'esse nosso critico quando elle diz, no prefacio dos Varios Escriptos, que: "a phase poetica de Tobias, com ter valor não tem a importancia e o alcance da phase seguinte". Discordo d'elle n'este ponto para não deixar de ser coherente com a minha maneira de ver.

Não era o ensino da nossa Academia influenciado por nenhuma preocupação de ordem sectaria, diria eu; e, realmente, se tal preocupação alli existisse, a reacção seria immediata; teria havido protestos; não seria sem viva luta entre os representantes da antiga e os da crença moderna que esta substituiria aquella. Nada d'isso porem succedeu. Dos lentes, uns adheriram logo ao movimento; outros, olharam-no com sympathia; e nenhum d'elles recebeu com indignação as novas doutrinas.

O episodio com relação ao velho lente conselheiro Aguiar, narrado por Phaelante da Camara na sua Memoria Historica, é uma prova de que no corpo docente não havia aquella intolerancia, aquelle sectarismo a que por mais de uma vez se refere o autor da alludida Memoria e com que elle caracteriza um dos periodos da vida intellectual da Academia. Aquelle incidente é em si um transumpto, uma miniatura suggestiva do espirito de liberdade alli dominante. Liberdade do alumno que não exclue a independencia do mestre. E nós não deviamos desejar outra coisa.

Mas a verdade é que nem a organização do nosso ensino superior, modelada até ha bem pouco tempo pela do ensino francez, nem tam-

bem a indole mesma do espirito brasileiro permittiriam a formação aqui d'esse espirito de systema, d'esse dogmatismo exagerado, que se vê nascer e desenvolver nas universidades allemãs, com uma força tanto maior quanto as relações continuas do mestre com seus alumnos tornam sua influencia mais decisiva.

E aqui já se poderá ver a differença existente entre a nossa Faculdade e as Faculdades allemãs sob esse ponto de vista — differença que é profunda. O objectivo do ensino não é o mesmo. Nos allemães, uma paciente e seria elaboração é o seu objecto principal. Entre nós, o fim mais visivel é a divulgação dos resultados. Aqui o nosso professor expõe perante um publico; na Allemanha elle trava lha cercado de alumnos e discipulos. Entretanto, se a organização allemã tem immensas e incontestaveis vantagens, é forçoso não desconhecer os abusos que ella pode engendrar. Veja-se o exemplo que d'isso nos dá a philosophia allemã no seculo desenove. Ninguem ignora os estupendos erros da philosophia hegeliana e a influencia que as suas doutrinas subversivas exerceram por longo tempo. Não corremos seguramente os mesmos perigos. Bem raro os nossos cursos podem tornar-se uma escola; elles têm já a vantagem ao menos de não se tornar nunca uma seita.

Ainda outras differenças eu podia apontar, sob esse mesmo ponto de vista, entre o nosso ensino e o ensino universitario allemão; mas isso iria já um pouco alem dos limites que deve ter um pequeno ensaio como este.

Assim, eu tornarei a dizer: com a revolução tendente a introduzir na nossa Faculdade as "idéas allemãs", o espirito de corporação é que ficou mortalmente ferido; não o de seita, que esse nunca alli existiu. Entre os professores, o ensino obedecia a uma só orientação: esta modificou-se. No corpo discente, dois grupos se formaram: um, que era composto dos partidarios de Tobias; e o outro, dos que lhe eram adveirosos.

Phaelante cita na sua Memoria Historica alguns nomes de estudantes que se oppunham á invasão do *germanismo*: Filinto Bastos, Pedro Vergue, Cyridião Durval, Cardoso de Castro, Adalberto Guimarães, Salles Barbosa.

A luta entre os dois partidos fora terrivel. Era de um lado a Folha do Norte, jornal fundado por Martins e Francisco Campello, o órgão dos que constituíam a vanguarda de Tobias; e do outro, os adversarios d'este sustentando pela imprensa ou em folhetos a contenda com os demolidores. A opposição não irrompia do professorado; não era uma reacção do absolutismo ou do dogmatismo das cathedras: partia dos alumnos. De modo que, n'esse curioso movimento intellectual de 82, não era a orthodoxia dos velhos o motivo da luta: os velhos não offereciam resistencia. Era, porém, contra uma heterodoxia — intolerante e emphatica — d'alguns novos, que se insurgiam os outros, por amor da sua liberdade. Estes não tinham querido, em boa hora, assistir ao "baptismo triumphal do direito na corrente modernismo" como dizia Phaelante,

Da mocidade contemporanea d'esse movimento é que sahiram os federalistas, os republicanos, os democratas, idealistas a que se podia dar propriamente o nome de "utopicos", segundo o conceito do sr. Oliveira Vianna. Não tinham esses jovens ideologos recebido na Escola uma preparação pratica conveniente, e só assim se pode explicar o pequeno exito obtido na vida publica pela maior parte d'elles e os mais intelligentes d'aquella epoca. Certo, nem toda essa mocidade seria composta só de puros theoreticos; ella deve ter dado tambem alguns idealistas positivos, praticos — alguns idealistas á maneira de Nabuco de Araújo, mas seriam excepções.

Sobresahem n'esse movimento intellectual de 82, a que se deu o nome de Escola do Recife, dois representantes: Martins Junior e Clovis Bevilacqua. O primeiro — poeta, publicista, orador — é o mais brilhante e original espirito d'esse periodo; o segundo, a sua mais completa organização de jurista. Ambos se distinguem por uma mentalidade independente e uma orientação toda pessoal; e, se aceitam as novas doutrinas, a ellas não se escravizam. Martins é talvez mesmo um positivista que um monista; Clovis não tarda a se libertar das influencias germanicas. De um, nós teriamos a Historia do Direito Nacional; e do outro a realização do Codigo Civil Brasileiro.

N'uma intensa agitação viveram os academicos do Recife, n'esse periodo, de 82 a 87. A escolha de um orador para representante da Academia em uma festa abolicionista, no

anno de 82, deu lugar a um vivo movimento de que resultou a formação de dois partidos: o partido de Martins Junior — então quarto annista — o candidato mais sympathizado tanto na escola como fóra d'ella; e o outro, chefiado pelo lente J. J. Seabra, que indicava para representar a Academia o estudante baiano Filinto Bastos.

Travou-se uma verdadeira pugna eleitoral tumultuosa e apaixonada. Os amigos e admiradores de Martins, que eram em muito maior numero que os do candidato bahiano, prepararam a sua campanha com as melhores possibilidades de exito. A cidade inteira interessou-se n'essa luta. Até as senhoras vieram trazer tambem o seu prestigio — o prestigio feminino inspirador dos triumphos — e a peleja era tanto mais animada quanto o campo eleitoral se restringia á classe dos estudantes: era de um suffragio assaz limitado que dependia a victoria. Esta, provavelmente, telta-ia alcançado Martins, se a eleição não houvesse sido perturbada pelos elementos da fracção seabrista de tal modo que nem a apuração se chegou a fazer.

Essa questão trouxe os estudantes do Recife divididos cerca de cinco annos, ou mais. Martins, tendo-se formado em 83, continuou a ser o chefe do seu grupo. Os rapazes que iam entrando na Faculdade alistavam-se ora n'um ora n'outro partido. Pertenceram a essa geração, alem dos nomes já indicados, Alfredo Pinto, Farias Brito, Luiz Domingues, Annibal Falcão, Anisio de Abreu, Germano Haislocher, Pardal Mallet.

Pardal Mallet chegou a ter uma grande voga nos meios litterarios do Recife. Os seus ensaios de critica, publicados nos jornaes, e cuja assignatura, antes de elle ser conhecido, se tomava por um pseudonymo, fizeram-lhe justa nomeada. Elle, realmente, dava a impressão de uma intelligencia aguda, viva; de possuir já uma feição propria — uma personalidade definida. Revelava-se um dos mais promissores espiritos d'esse “agrupamento de gigantes”, segundo a expressão de Claudino Freire — hyperbole aliás natural em quem tambem fez parte d'aquella geração e viveu no mesmo ambiente.

Pardal Mallet era ainda orador impetuososo, rico de imaginação — orador bem á maneira do seu tempo. Um rhetorico, e um saturado de romantismo.



Com a transmutação de nossa forma de Estado, a Academia começou a empallidecer, a perder o seu antigo brilho. Ella deixou logo de ser um foco de irradiação intellectual, um centro de idéas. O espirito de corporação desapareceu. Nos primeiros annos do novo regimen, ainda se podia ver ahi um resto de vida de estudante. A vivenda nas *republics*, o traje distinctivo, as reuniões litterarias e dançantes, as serenatas, a rivalidade com os caixeiros, os discursos e os recitativos no theatro, as discussões nos cafés e nos corredores do

antigo edificio do Pateo do Collegio, — isso poderiam ver ainda, se bem que em declinio já, os que cursaram a Academia nos immediatos annos seguintes á proclamação da Republica. Mantinha-se até essa epoca a tradição — embora já bastante diminuida — do humor academico, dos repentes espirituosos, das replicas cheias de ironia e dos gracejos sem nenhuma offensa. A anedota, que vou referir, é uma prova de que se não havia esgotado ainda essa effervescente veia academica. A' banca dos exames, um estudante intelligente, mas não sabendo nada do ponto sorteado na cadeira de finanças — imposto directo e imposto indirecto: o examinador faz-lhe a primeira pergunta:

—O senhor é partidario do imposto directo ou do imposto indirecto?

—Desejava conhecer primeiramente a opinião da cadeira...

—Mas então sou eu quem está fazendo o exame?!

—Não é isso — apressa-se em responder o examinando; porem, qualquer que seja a opinião do mestre, eu quero contrarial-a.

E tendo então o lente, que era o dr. Oliveira Fonseca, se declarado pelo imposto indirecto e feito uma dissertação brilhante para mostrar as vantagens superiores d'essa forma de contribuição, exclamando afinal — “viva o imposto indirecto” —, chega a vez do estudante. Este que havia prestado a maior attenção ao discurso do mestre, começou:

—Pois eu sou pelo imposto directo!

E desenvolveu todas as razões que elle

poude colher alli mesmo em favor d'essa outra forma de imposto, tirando-as da argumentação em contrario produzida pelo lente da cadeira. E rematou egualmente com um — viva o imposto directo —, levantando-se logo em seguida sem dar margem a mais pergunta. — Não era esse estudante em solerte espirosidade inferior áquelle outro, seu antecessor, Gaspar de Drummond, sobrinho do dr. Antonio de Vasconcellos de Menezes Drummond, lente de Direito Civil. O joven Drummond ameaçado pelo tio de reprovação no fim do anno por causa de suas diabruras e do seu character indocil, averbara o tio de suspeito para fazer parte da sua banca examinadora. Surpreza geral e estupefacção do proprio dr. Drummond.

—Suspeito eu — seu tio — porque? — interroga este.

—Por ser meu inimigo capital, respondeu-lhe Gaspar.

---

Vieram logo após o estabelecimento do governo republicano as novas reformas do ensino. Fundaram-se Escolas Livres de Direito em varias cidades do norte e do sul do paiz. A matricula de alumnos na Academia do Recife não tardou assim a baixar. Tambem á verdade que para as outras carreiras — para a engenharia, a medicina, o commercio, a agricultura — iam sendo mais especialmen-

te attrahidas as novas gerações. O pouco que ainda restava no começo da Republica, como uma tradição sobreviva, mas em evidente preagonia, da vida de estudante dos outros tempos, desapareceu afinal. As novas gerações passaram a ter uma maneira de viver inteiramente differente da que tinham as gerações que as haviam precedido. O estudante é nos nossos dias empregado do commercio; é reporter; é funcionario publico. Não traja a sobrecasaca; veste um fato de linho. Elle possui o que se chama hoje, e o é realmente, uma qualidade toda moderna — o senso pratico. Perdeu a alegria, a graça, a espontaneidade, a originalidade.

A mocidade contemporanea se diverte com gravidade "*et elle fait des folias raisonnables*", dizia não ha muito tempo um escriptor; e elle alludia assim á igual transformação observada na França, e em outros paizes da Europa, com relação a vida de estudante. Foram-se na verdade aquelles bons tempos das dissipações jovias; ella é agora reflectida; sobria; sisuda. Uma concepção mais realista, mais pratica da vida, lhe veio refrear a indisciplina, a bohemia, a exuberancia; e isso mostra já a differença que ha entre as gerações novas e as suas antecessoras. Hoje, os nossos estudantes já se não apaixonam pelos movimentos litterarios ou philosophicos — por essas juntas intellectuaes que eram outróra ainda o seu maior entretenimento. O jogo puro das idéas não lhes suscita mais nenhuma emoção ou enthusiasmo. As tendencias são outras; e outros, tambem, os horizontes: um

cargo a occupar; uma função a exercer. Aqui, elles viram a sua Academia mudar-se n'esses ultimos annos para um palacio — o vasto e quase deserto palacio da rua do Riachuelo: o grande sino do relógio enche-o agora de sons luminosos. Mudaram tambem com o tempo e as leis os mestres, as aulas, as cadeiras... Tudo mudou. Ora o espirito não podia ficar o mesmo.

*Odilon Nestor.*

---

---